

NADIA MARIA GUARIZA

**DA DAMA CASADOIRA À HISTÉRICA:
GÊNERO, HISTÓRIA E LITERATURA NO BRASIL
NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX**

Monografia de Ensino apresentada ao Curso de Especialização Linguagens, Imagens e o Ensino de História, do Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^ª Ana Paula Vosne Martins.

CURITIBA

2000

As mulheres foram feitas para serem amadas, e não para serem compreendidas. Aforismos - Oscar Wilde

Me diz Deus, o que é que eu faço agora? Se me olhando desse jeito ela me tem na mão. Meu filho agüenta, quem mandou você gostar dessa mulher de fases, complicada e perfeitinha. Mulher de fases - Rodolfo

AGRADECIMENTOS

No decorrer do processo de elaboração e reflexão de uma proposta de ensino nos deparamos com muitas dúvidas a respeito do caminho que tomamos para abordar o tema. Utilizar a Literatura como fonte histórica não é novidade para os historiadores no âmbito acadêmico, porém é um desafio transpor a na aula de história. Invariavelmente, a análise de obras literárias se limitava as aulas de Língua Portuguesa. Outro desafio era tornar as obras literárias atrativas aos alunos, numa época em que todos preferem as imagens da televisão e navegar na internet, do que ler. Talvez uma das vantagens do trabalho tenha sido o tema escolhido, as relações de gênero, que norteia o pensamento juvenil, tão preocupado com as mudanças corporais e experiências afetivas e sexuais com o sexo oposto.

De qualquer forma, nunca é fácil expor as suas idéias e não questionar o procedimento adotado na hora da pesquisa, preocupando-se em ser compreendido na sua intenção. Nestas horas é necessário sempre a ajuda de pessoas para orientá-lo e consolá-lo. Por isso, é indispensável agradecer a estas pessoas o seu apoio e compreensão. Agradeço a Ana Paula Martins que não por acaso me orienta pela segunda vez, pois ela sabe exigir de mim quando necessário e incentivar nos momentos de angústia. Aos outros professores do curso de especialização, pois em cada discussão empreendida neste trabalho havia a colaboração das leituras realizadas nos módulos. Aos colegas de curso que contribuíram com idéias e sugestões sobre a pesquisa. A Márcia Rao que leu e releu várias vezes, dando opiniões na redação da versão apresentada. Aos alunos que foram a fonte de minha inspiração. Enfim, a todas as pessoas próximas que presenciaram as momentâneas mudanças de humor.

ABSTRACT

Esta proposta de ensino tem como tema o estudo comparativo das representações de gênero nas obras literárias “Senhora” de José de Alencar e “Casa de Pensão” de Aluisio de Azevedo. Utilizaremos estes dois romances para analisar as relações de gênero em sala de aula, com alunos do ensino médio. Nosso objetivo é demonstrar que os papéis de gênero são construídos socialmente e que a produção literária divulga modelos e contra modelos de comportamento para os homens e às mulheres. Nos preocupamos no decorrer da proposta associar as representações de gênero encontradas nos romances com as atuais, ressaltando as mudanças e as permanências. Desta forma, partiremos de letras de músicas atuais para suscitar a discussão sobre o tema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
PROPOSTA DE ENSINO	12
SENHORA: UMA MULHER INCOMUM?	14
A CASA DE PENSÃO E OS SEUS ESPECTROS	18
CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

“ Não sei o que é direito/ só vejo preconceito/
e a sua roupa nova/ é só uma roupa nova/
você não tem idéias/ pra acompanhar a moda/
tratando as meninas/ como se fossem lixo/
ou então espécie rara/só a você pertence/
ou então espécie rara/ que você não respeita/
ou então espécie rara/ que é só um objeto/
pra usar e jogar fora/ depois de ter prazer/
você é tão moderno/ se acha tão moderno/
mas é igual a seus pais/ é só questão de idade/
passando dessa fase/ tanto fez e tanto faz
(...) Nós somos tão modernos/só não somos sinceros/nos
escondemos mais e mais/é só questão de idade/passando
dessa fase/tanto fez e tanto faz/ Você é tão esperto/você
está tão certo/que você nunca vai errar/mas a vida deixa
marcas/tenha cuidado/se um dia você dançar.”¹

Este trecho da música da Legião Urbana toca num assunto muito interessante que é o comportamento juvenil, passando por temas como a sexualidade e o uso de drogas, a letra pretende demonstrar as contradições existentes entre a aparência e as atitudes dos jovens. O isolamento social, o excesso no uso de drogas e exposição ostensiva de sua sexualidade não passam de efeitos que a moda exerce sobre ele, que em suas relações cotidianas deixam transparecer a superficialidade de sua rebeldia ao tratar as meninas como objetos.

¹ VILLA-LOBOS, Dado. BONFÁ, Marcelo & RUSSO, Renato. **A Dança**. 1984.

Na música a rebeldia juvenil é comparada com a roupa da moda que pode ser descartada a qualquer momento, neste sentido o comportamento que escandaliza os adultos não passa de um personagem representado superficialmente pelo adolescente, pois as idéias deles a respeito da sexualidade e das drogas é tão conservadora quanto a de seus pais.

Vivemos num mundo em que a moralidade familiar e a mídia produzem representações antagônicas, gerando cenas inusitadas no dia-a-dia dos adolescentes. Se por um lado as meninas demonstram, com o uso de pouca roupa, uma “liberação” do corpo, por outro esta vestimenta denota uma sexualidade excessiva muitas vezes para a sua idade. A adolescente apenas segue a moda imposta pela mídia, porém a família não discute temas relativos à sexualidade. Neste sentido, a jovem que ostenta uma imagem sexualizada, não está preparada para a vida sexual, expondo-se à gravidez precoce e ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

Devido esta realidade os PCNs² propõe o estudo das relações de gênero em conjunto com a orientação sexual nas escolas, com a finalidade de ir adiante de uma análise biológica do corpo e explorar as dificuldades encontradas pelos jovens no seu relacionamento com a sexualidade. O documento entende que a orientação sexual não deve se limitar ao funcionamento fisiológico dos órgãos sexuais, mas também tratar da sexualidade enquanto construção cultural dos grupos sociais num contexto histórico específico e mediado por instituições como a Ciência, a Religião e a Mídia.

Portanto, tal proposta deseja uma ação interdisciplinar no estudo das relações de gênero para que o aluno receba as informações necessárias para entender a sua sexualidade, tanto no aspecto biológico como no cultural. Na disciplina de História, o documento

² **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

sugere o estudo das personalidades históricas femininas, colocando a mulher como um agente no processo histórico.

Nós entendemos que o estudo das relações de gênero na história deve apontar para as mudanças e as permanências no nosso cotidiano, tanto das representações ou modelos de comportamento dos papéis sociais de gênero, quanto das relações de poder estabelecidas a partir destas representações sociais. Os comportamentos juvenis advém de suas representações sobre a sua sexualidade e dos papéis que cabem aos meninos e às meninas, e entre estas representações encontramos muitas que tem a sua origem em tempos históricos afastados dos de hoje. Por isso, o estudo das representações de gênero é um meio de levar o aluno ao questionamento de suas ações, podendo alterar a sua percepção no tocante a sua vida sexual.

A presente monografia tem o objetivo de abordar as representações de gênero a partir da análise de músicas e de reportagens de revistas que os jovens de hoje têm acesso, incitando uma discussão sobre os modelos sociais de gênero vinculados por estas fontes e a sua repercussão no dia-a-dia dos alunos. Após a problematização da temática no presente do aluno, procuraremos semelhanças e diferenças nas representações atuais com as encontradas em obras literárias na virada do século XIX para o XX no Brasil.

Para tanto, optamos em analisar correntes literárias que se contrapõe, como é o caso do romantismo e do naturalismo, com a finalidade de ressaltar as semelhanças e as diferenças na maneira de conceber as relações de gênero. Partindo desta análise queremos discutir os modelos femininos e masculinos de comportamento na época em que foram escritas as obras e compará-los com os modelos atuais.

Ao remetermos as obras literárias da virada do século XIX para o XX devemos atentar para o fato de que elas foram escritas, na sua maioria, por homens, portanto as

representações femininas nos romances partem da ótica masculina. É um homem pensando a mulher, muitas vezes tida como um ser incompreensível para ele.

José de Alencar advogado e jornalista que exerceu cargos públicos durante o Segundo Reinado tentou criar uma literatura nacional, por meio do uso da linguagem romântica e de elementos brasileiros, como as lendas indígenas e a vida da corte no Rio de Janeiro. Desta forma, os historiadores da literatura brasileira dividem as obras de Alencar em romances indianistas e romances urbanos.

Ao escrever seus romances urbanos Alencar se inspirou nas obras românticas francesas que tratavam de temas como a prostituição e a ação do dinheiro enquanto agente corruptor dos espíritos. Os personagens destes romances estavam cercados por situações que colocavam à prova os seus valores perante as transformações sociais provocadas pela indústria e a cidade. Os cenários para o desenrolar das histórias românticas oscilavam entre o passado remoto e o meio urbano industrial.

Quando os romances se desenvolviam em ambientes afastados no tempo, os personagens possuíam qualidades como a lealdade, a coragem e a nobreza de espírito, cultivando o amor ao passado, que “... mitificou a Idade Média e o poder espiritual da Igreja nesta fase.”³

Alencar está preocupado em exaltar o passado de maneira mítica em seus romances indianistas, nos quais a natureza brasileira é posta a serviço do nobre conquistador. Nestas narrativas os portugueses figuram como verdadeiros heróis ou nobres feudais, com qualidades como: coragem, lealdade, altivez e abnegação. O índio também tem estas qualidades, o que os uniria. A natureza também é descrita com parâmetros medievais, as selvas assumindo formas da arquitetura gótica.

³ NUNES, Benedito. A Visão Romântica. IN: GUINSBURG, J.. **O Romantismo**. S.P.: Editora Perspectiva. 1978. P. 70

Nos romances ambientados na cidade, o meio servia para ressaltar as características dos personagens, ora tendo os seus valores devastados pela mesquinhez do dinheiro, ora conseguindo manter-se isento de sua influência. Desta forma, era a luta entre o indivíduo com valores de uma sociedade antiga e a cidade que representava a nova ordem social burguesa. Um dos elementos que perturbam o ordem da trama nestes romances é o dinheiro, a economia monetária estranha à realidade medieval e por isso condenada pelo Romantismo. Nos romances urbanos podemos perceber que o dinheiro entra enquanto elemento decisivo nas relações entre os personagens, no caso o romance “Senhora” que neste trabalho iremos analisar, trata de um casamento por dinheiro.

Por que os escritores românticos em suas obras repudiam a sociedade burguesa?

O Romantismo foi uma corrente literária que se desenvolveu na Europa nas duas últimas décadas do século XVIII e nos fins da primeira metade do século XIX, simultaneamente ao início da Revolução Industrial e a sua difusão por outros países. Neste período a população dos centros industriais teve que se habituar a novas formas de trabalho e convivência social, abalando os valores e os costumes preexistentes. As formas de expressão coletivas foram interrompidas e em seu lugar ocorreu uma crescente racionalização do cotidiano, dificultando ao indivíduo expressar suas idéias e sentimentos.

O Romantismo é um dos fenômenos culturais que indicam a mudança das estruturas da sociedade pré-industrial, pretendendo recuperar o sujeito humano através da originalidade e do entusiasmo que quebram a uniformidade da razão e do individualismo. Deste modo, a consciência individual que foi dilacerada socialmente se expressa com força no Romantismo através do culto à Natureza e do individualismo egocêntrico.

Como já mencionamos, as obras de Alencar estão divididas entre os romances indianistas e os romances urbanos. Para Valéria DE MARCO⁴ os romances urbanos de José de Alencar chamam a atenção do leitor não só porque tratam do cotidiano da capital do Império, mas sobretudo por apresentarem um traço comum que os diferenciam dos demais romances do autor:

“...a presença do dinheiro como mediador das relações dos personagens, como elemento de conflito que deve ser contornado para chegar à realização de um sonho romântico ou à desilusão perante o caráter implacável dessa ordem social metálica...”⁵

No decorrer da narrativa do romance “Senhora” o casal de enamorados se encontra separado por causa do dinheiro, seja quando Aurélia ainda era pobre e por isso foi preterida por outra, ou depois que se torna rica e compra Seixas como seu marido, provocando a sua humilhação constante. A dignidade de Seixas só é recuperada quando ele salda a sua dívida com Aurélia, permitindo o resgate de sua alma e a realização de seu amor. Percebemos que durante o romance se passa a luta entre o dinheiro que representa a sociedade burguesa e os valores e nobreza de espírito dos personagens.

As personagens femininas no Romantismo apresentam “uma auréola de pureza, de mistério e de plenitude inacessível ao homem”⁶. As heroínas dos romances sempre estão envoltas pelo desejo da realização do seu amor romântico, que em alguns momentos é pura abnegação e sacrifício dos amantes, em outros momentos é suicida quando decepcionado. No caso da protagonista do romance “Senhora”, Aurélia utiliza de todos os artifícios para conseguir o amor de Seixas e o faz de maneira desesperada e trágica. Na verdade, a

⁴ DE MARCO, Valéria. **O Império da cortêsã**. Lucíola: um perfil de Alencar. S.P.: Martins Fontes, 1986.

⁵ *Idem*, p.72.

⁶ NUNES, P.72-73.

preocupação de Aurélia é recuperar a alma de Seixas que foi perdida em meio ao luxo da corte carioca.

No romance “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo percebemos que o autor descreve seus personagens com tintas fortes e pinceladas pessimistas. Influenciado pelos romances de temperamento do Naturalismo francês, Azevedo aborda assuntos como o casamento e a formação moral do indivíduo, tendo como fio condutor a Medicina e a Fisiologia. Em seu livro vários personagens discutem procedimentos médicos, sendo que o protagonista é estudante de Medicina, e outros personagens apresentam sintomas de doenças, como a tuberculose e a histeria. Para compreendermos a proposta naturalista e a sua influência na obra de Azevedo é necessário estudar o Naturalismo à luz do pensamento europeu da segunda metade do século XIX.

O Naturalismo segue um caminho contrário ao Romantismo. Ao invés de repudiar a sociedade industrial utilizou em sua narrativa conceitos e teorias científicas. Se o Romantismo esperava recuperar o passado e impedir o avanço industrial, o naturalismo pretendia, através dos cenários urbanos e de seus personagens, chegar à realidade por meio de um discurso científico.

As idéias que permeiam a narrativa naturalista se originam no pensamento intelectual e científico europeu da segunda metade do século XIX e nas inovações tecnológicas do sistema fabril que começaram a ser sentidas também no meio intelectual. A idéia de progresso contínuo e evolutivo trazido pelas máquinas cada vez mais aperfeiçoadas teve o seu correspondente no campo das Ciências Biológicas com a obra “A Evolução das Espécies” de Charles Darwin em 1859. Este livro colocava o homem e os outros animais como fruto de inúmeras mutações decorrentes da necessidade de sobrevivência perante as

mudanças do meio. Logo, apareceram interpretações variadas a respeito da influência do meio e da biologia sobre o homem em outros campos do conhecimento.

Nas Ciências Sociais, Spencer reconheceu na sociedade um processo similar ao encontrado na evolução das espécies, comparando os conflitos sociais com a luta pela sobrevivência de uma determinada espécie. Cada vez mais, as idéias científicas penetravam no discurso intelectual, mantendo à distância qualquer explicação religiosa e tradicional.

Na literatura o discurso científico foi assimilado pelo Naturalismo. O Naturalismo foi uma escola literária que se desenvolveu na virada do século XIX para o XX, e procurou descrever a realidade através da utilização de conceitos da Biologia. Este racionalismo na literatura acompanhava as mudanças sociais e culturais decorrentes da Segunda Revolução Industrial, que empreendia cada vez mais explicações científicas no cotidiano das pessoas.

Os personagens no romantismo são impulsionados pelos seus ideais subjetivos, já no naturalismo os personagens são impelidos às ações por leis físico-químicas, pela hereditariedade e pelo meio em que vivem. É o peso do determinismo científico sobre a ação humana: o homem é fruto de sua formação física e moral. Por isso, na obra “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo encontramos várias passagens em que são narrados a formação dos personagens na infância, vendo o adulto como consequência da criança. A imoralidade e a fraqueza de caráter tem a sua origem na tenra idade e pelos laços consangüíneos, restando ao adulto conviver com a sua miséria. Entre as personagens femininas encontramos representações de mulheres corrompidas pela imoralidade, fracas física e moralmente, órfãs e enfermas dos nervos.

Segundo Mireille DOTTIN-ORSINI ⁷ encontra-se na arte e na literatura do século XIX representações femininas marcadas pela ambiguidade. As imagens angelicais, as

⁷ DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. R.J.: Rocco, 1996.

musas e a figura materna divulgadas pela Igreja e pelo romantismo, principalmente, passavam uma imagem tranquilizadora a seu respeito. Mas a representação feminina sedutora e cruel atormentava os pensamentos masculinos por considerá-la destruidora.

Já as personagens femininas nos romances Naturalistas aparecem como esfinges a serem decifradas. Entender a alma feminina inquietava os espíritos dos literatos porque não era tarefa fácil, segundo eles. Para desvendar os labirintos femininos recorriam aos conhecimentos da fisiologia e da medicina. Desejavam ser como os médicos que tinham acesso ao corpo feminino, às suas entranhas, podiam ir além do que os outros homens eram capazes, e por isso poderiam desvendar os mistérios das mulheres. Na obra “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo todas as condutas impróprias e imorais são explicadas a partir dos paradigmas médicos. As ações Nini, a histérica, são analisadas como parte dos sintomas de sua moléstia. O mau caráter de Amâncio é atribuído a sua infância precária em afeto e saúde.

A presente proposta de ensino consiste, portanto, na análise dos personagens como modelos e contra-modelos para as mulheres e homens que viviam no Brasil na virada do século XIX para o XX, procurando levar o aluno ao questionamento dos modelos hoje vinculados pelos meios de comunicação, em especial nas revistas, nas músicas e na televisão.

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

“ (...) uma ciência dos homens e que tenta vincular incessantemente o estudo dos mortos ao dos vivos”⁸

Pela citação acima notamos a ligação constante entre o passado e o presente, isto é, que a construção do saber histórico acontece a partir da problematização do presente. A motivação para o estudo das sociedades do passado nasce das indagações do presente do historiador.

Esta preocupação com o presente também move a prática em sala de aula, pois a escola deve educar os seus alunos para a vida. Portanto, na nossa proposta de ensino enfatizaremos a relação entre o estudo do passado com a vida presente do aluno, permitindo ao educando perceber as mudanças e as permanências no processo histórico.

Tendo em vista a preocupação de evidenciar o presente com o passado a todo instante do processo de ensino/aprendizagem, nós iremos procurar associar as representações de gênero do dia-a-dia do aluno com as estudadas em sala de aula. Esta proposta está voltada ao aluno do ensino médio e pode ser realizada em conjunto com outras disciplinas, como Língua Portuguesa e Biologia, utilizando como problematização produções musicais (em anexo) acessíveis a faixa etária dos educandos e que façam parte da sua realidade.

Neste sentido, a proposta está dividida em quatro partes. Em um primeiro momento, a temática representações de gênero será problematizada por meio da análise de

letras de músicas conhecidas e ouvidas pelos jovens e por reportagens que abordem temas como sexualidade, namoro e casamento.

No segundo momento, os alunos serão divididas em dois grupos. Um grupo lerá “Senhora” e o outro “Casa de Pensão”. Cada aluno receberá um roteiro de leitura do livro, enfocando principalmente os personagens.

No terceiro momento, trabalharemos em sala de aula o roteiro e os trechos dos livros. E, por fim, como forma de avaliação do aprendizado dos educandos pediremos que estes procurem em seu cotidiano as representações similares às estudadas nos livros.

⁸ BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Europa-América. s.d., p.43.

PROPOSTA DE ENSINO

A sexualidade é um tema instigante, pois faz parte da vida de todos e é um dos temas mais recorrentes nos meios de comunicação nos dias atuais. O tema da sexualidade toca de maneira especial o adolescente e o jovem, diante das mudanças corporais, emocionais e a iniciação na vida sexual por que passa. Geralmente se reclama a falta de interesse dos alunos nos conteúdos ensinados em sala de aula, e isto acontece porque o aluno não reconhece nada neles que possa servir para o seu cotidiano. Principalmente numa fase em que muitas perguntas a respeito de si ocupam a sua mente, como se interessar em assuntos abstratos e distantes de sua realidade?

Portanto, o presente projeto pretende trabalhar as relações de gênero na literatura da virada do século XIX para o XX, a partir da problematização do presente do aluno, porque o aluno é parte importante no processo ensino/aprendizagem e deve se integrar a ele.

Para tanto, a sala será dividida em pequenos grupos que receberão letras de músicas, que direcionaram a atenção dos alunos para temas referentes aos papéis sociais de gênero da sociedade atual.

A partir das discussões suscitadas no trabalho com as músicas e reportagens, várias questões acerca da sexualidade juvenil serão colocadas, como, a precocidade na sexualidade, a erotização na televisão, o acesso à informação sobre sexo por parte do adolescente, a submissão feminina, etc.

Analisando as informações procuraremos enfatizar as mudanças e as permanências no que tange à sexualidade, demonstrando que o indivíduo participa de alguma maneira

para transformar ou manter os padrões de comportamento disseminados na sociedade. Por exemplo, na música “Sympathic Character” de Alanis Morissette temos a oportunidade de ouvir a opinião de uma mulher sobre a relação entre homens e mulheres hoje, enfatizando a submissão feminina frente ao poder e às vontades masculinas. Desta forma, se por um lado ainda a mulher é colocada como objeto passível de ser consumida através da proliferação de “tiazinhas” e “feiticeiras”, encontramos também representações que procuram questionar o comportamento feminino e os modelos estabelecidos.

A voz feminina há pouco tempo se faz ouvir na produção cultural, pois até então era sempre um homem falando sobre a mulher e estabelecendo padrões de comportamento para elas. É o que teremos oportunidade de observar ao estudarmos duas obras literárias da virada do século XIX para o XX. Nelas encontraremos personagens femininos e masculinos que prescreviam o comportamento social de ambos os gêneros.

SENHORA: UMA MULHER INCOMUM?

O romance “Senhora” de José de Alencar se passa na cidade do Rio de Janeiro em meio a vida da corte carioca, cenário de vários romances urbanos do autor. Os romances urbanos de Alencar se caracterizam pela descrição da vida social da elite carioca e movimentação da capital do império. As personagens passeiam neste cenário requintado e luxuoso, cedendo ao dinheiro, ou permanecendo puros e intactos.

Seixas é um dos personagens que sucumbe diante da sedução da suntuosidade da alta sociedade, porque apesar de ser um rapaz de uma família humilde, os seus hábitos correspondem ao dos rapazes da elite. Devido a sua sede pelos prazeres que o dinheiro poderia lhe proporcionar, abandona todos os seus sentimentos e valores e para cumprir o seu intento aceita um contrato de casamento sem afeição por causa do dinheiro.

Pelo contrário, Aurélia denota uma relação diferenciada em relação ao dinheiro que recebe de herança. O dinheiro lhe dá a oportunidade de ingressar no mundo abastado e a frequentar os bailes e festas promovidos pela elite. Mas apesar da riqueza que a cerca ela permanece a mesma menina humilde que recebeu valores e princípios que lhe conferem nobreza de espírito. Desta forma, o dinheiro para ela é apenas o instrumento para conseguir a felicidade, não se tornando escrava dele como Seixas.

Aurélia encarna as qualidades da heroína romântica, por meio do seu apego aos preceitos morais, a sua honestidade, o seu desespero frente à corrupção da alma diante da modernidade e do dinheiro. Estas qualidades a associam a um mundo que não existe mais para Alencar, no qual os valores eram mais importantes do que o dinheiro.

O romance se desenrola na luta desesperada de Aurélia em resgatar a honra de Seixas, perdida quando ele se vendeu ao aceitar o contrato de casamento e, deste modo, conseguir realizar o seu amor.

O impedimento desse amor é o tema central do romance, desde o princípio Seixas e Aurélia se apaixonam, porém o rapaz a troca por outra por causa do dote. Um ano após este episódio Aurélia herda uma fortuna de seu avô paterno, tornando-se a moça mais cobiçada da corte, freqüentando bailes, desfilando com vestidos e jóias caros, encantando a todos por sua beleza, vivacidade e riqueza. Mas a moça carregava em sua alma a mágoa de ter sido desprezada pelo homem que amava, sendo assim, arquiteta um plano para casar-se com Seixas através de em contrato de casamento.

O contrato de casamento representa a inserção do dinheiro enquanto mediador das relações entre o casal, subvertendo os papéis sociais de gênero. Aurélia adquire qualidades eminentemente masculinas em relação ao marido. Quando se encontram a sós demonstra um papel ativo, com uma maneira de ser que expressa a agressividade e a imposição de sua vontade. Seixas assume atitudes passivas que estavam mais associadas ao comportamento feminino, como o isolamento, a cabeça baixa, a submissão.

Antes mesmo do casamento Aurélia mostrava ações que estavam ligadas ao mundo masculino da época, porém este comportamento não passava da esfera privada. A agilidade em tratar de assuntos financeiros se limitava às paredes do seu gabinete e o seu interlocutor era D. Lemos que a representava financeiramente no meio público. Na esfera pública se comportava expressava extrema feminilidade, delicadeza e ingenuidade próprias do comportamento feminino alheio às rudezas do mundo dos negócios.

A personagem apercebia-se da originalidade de seu comportamento e por isso o guardava para os momentos mais íntimos. Além disso o autor deixa implícito o desejo da moça de

apenas exercer as funções femininas, porém se vê impedida pois seu marido não assume as suas atribuições enquanto tal.

Mas quais eram as atribuições de mulheres e de homens na época em que foi escrito o romance? Qual era o papel esperado para ambos?

Durante muito tempo a historiografia apresentou a mulher no Brasil Colonial como submissa ao homem que possuía o poder sobre todos que estavam sobre a sua proteção: filhos, escravos, trabalhadores livres, parentes e a esposa. O quadro familiar era, segundo esta interpretação, aterrador, filhos amedrontados e esposa enclausurada. Às mulheres permitia-se criar os filhos, mandar nos escravos domésticos e participar das solenidades religiosas. Para tanto, pouca instrução as moças recebiam.

Nestes últimos anos vários trabalhos historiográficos procuraram dar feições diferenciadas às mulheres brasileiras no período colonial, que fogem do modelo patriarcal. Estes estudos mostram mulheres executando outras tarefas que não necessariamente restritas ao lar, como vendeiras, a mulher que gerenciava os negócios do marido na sua ausência, ou ainda mulheres que eram responsáveis por um domicílio sem interferência masculina. Neste sentido, os estudos já existentes e os mais recentes esboçam uma realidade diversificada para a mulher colonial que sofreu transformações no decorrer do século XIX.

Em meados do século XIX muitos tratados médicos e obras literárias voltaram a sua atenção à figura feminina. Na sua maioria apresentavam a mulher com as qualidades inatas de mãe e esposa, no entanto, as funções maternas foram acrescidas de importância. Se antes ela já executava esta tarefa para garantir a linhagem, a partir deste momento ela o faz para reproduzir e educar cidadãos para a Pátria nascente.

A mulher da elite teve a sua educação aprimorada, não recebia apenas os preceitos morais, mas também os conhecimentos necessários para educar o seu filho saudável. Além disso, cresce neste período as reuniões de negócios nas residências da elite carioca, por conseguinte uma boa esposa tinha que receber os convidados, distraí-los com o piano, a literatura e os conhecimentos gerais.

A personagem Aurélia do romance “Senhora” apresenta muitas das qualidades atribuídas à mulher de elite do final do século XIX: era culta, dedilhava o piano, freqüentava festas elegantes, sem perder as características femininas como a sensibilidade, o apego aos valores morais, a castidade e a afetividade. Depois de enriquecer Aurélia consegue a sua independência financeira, porém precisava de uma tutela masculina para representá-la na sociedade, por isso casa-se.

A personagem Aurélia demonstra qualidades incomuns, pelo ponto de vista do autor, em comparação às outras mulheres, como por exemplo saber a cotação dos juros e das ações. No entanto, a personagem não demonstrava estas qualidades em público, representando o papel da moça alegre que gostava de festas e não possuía preocupações.

Seixas apenas recupera a sua dignidade e conseqüentemente as suas funções masculinas quando devolve o dinheiro, permitindo ao casal o restabelecimento de uma relação considerada adequada na época, com funções correspondentes ao homem e à mulher e a vivência do amor enfim.

A CASA DE PENSÃO E OS SEUS ESPECTROS

O romance “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo se desenrola no Rio de Janeiro. No decorrer da narrativa percebemos várias facetas desta cidade na época em que se passa a história. O personagem principal, Amâncio, muda-se para o Rio de Janeiro com a finalidade de estudar na Faculdade de Medicina e se encanta com a possibilidade de desfrutar dos prazeres da boêmia.

No entanto, no decorrer da trama o autor demonstra que o Rio de Janeiro não vivia apenas de glória e festas, havia um outro lado mesquinho que o protagonista iria se deparar. Amâncio viveria na cidade circunstâncias constrangedoras provocadas por pessoas gananciosas. O rapaz não estava preparado para enfrentar as sutilezas e as mazelas da cidade. Este despreparo se devia conjuntamente por sua formação familiar e educacional na infância.

Nas obras naturalistas os personagens são guiados a um determinado destino por causa de sua hereditariedade, sua formação e o meio em que vivem. Os personagens presentes no livro de AZEVEDO recebem um fim determinado devido a sua história familiar e a influência da corrupção e dos vícios encontrados no Rio de Janeiro.

Neste meio hostil e sórdido Amâncio defronta-se com a temível figura da mulher sedutora e dissimulada. Todo o romance se desenrola no sentido de denotar a presença feminina como ameaçadora e sedutora para Amâncio, as personagens que o cercam tentam de várias maneiras atrair o rapaz.

Mireille DOTTIN-ORSINI⁹ comenta sobre a existência na literatura do final do século XIX de “romances de aprendizado”, nos quais os autores advertiam os jovens incautos através da narrativa de episódios em que os personagens eram enredados pelas armadilhas femininas. Azevedo em seu enredo ao descrever as confusões e perigos que Amâncio encontra em relação as mulheres, sugeria ao leitor que tenha cuidado com a alma feminina.

Amâncio se mostrava mais susceptível às investidas das personagens femininas por causa de sua fraqueza moral e física, decorrente da debilidade de sua infância com um pai rígido, mãe superprotetora, professor autoritário. Mas o que um jovem devia temer em uma mulher? De qual mulher o autor nos fala nas páginas do seu livro?

Stéphane MICHAUD¹⁰ em seu artigo “Idolatrias: representações artísticas e literárias” expõe que o escritores do final do século XIX não entendiam a mulher enquanto coletividade, mas sim uma imagem única se espelhando na expressão “todas as mulheres são iguais”. Ou seja, havia qualidades inerentes e inatas ao caráter feminino que não diferiam de mulher para mulher. Sendo assim, uma única representação da mulher era suficiente para enquadrar todas elas.

E a imagem que povoava a mente masculina era a da mulher fatal, sedutora, devoradora de homens, dissimulada, que atrai e amedronta. A relação dos escritores com esta representação é conflituosa, pois se por um lado ela fascinava por sua grandiosidade e seu poder, por outro lado ela devia ser destruída para salvar o seu criador.

As obras literárias exibiam uma preocupação com a beleza e os encantos femininos, pois a mulher despertava a desconfiança pela sua aparência. As personagens apresentavam características que sugeriam a sua dissimulação, como comportamentos contraditórios.

⁹ DOTTIN-ORSINI. p. 16.

Nesse sentido, na tentativa de encontrar a essência da alma feminina os autores provocam o dilaceramento de suas personagens, devastando a sua alma ou o seu corpo.

No livro “Casa de Pensão” percebemos esta atitude por parte de AZEVEDO e as suas personagens femininas. Para demonstrar a nossa idéia analisaremos três personagens: Hortênsia, Lúcia e Amelinha.

Hortênsia é, aparentemente, uma esposa dedicada e recatada, porém cede aos apelos de Amâncio flertando com o rapaz, demonstrando não ser digna de confiança. Lúcia é culta devido a educação que recebera quando pequena, mas a família negligenciou a sua formação moral, desencadeando a degeneração da moça na maturidade, pois se entrega aos prazeres sexuais antes do casamento, restando-lhe apenas a companhia de um homem “molenga”. E por fim, Amelinha, que a princípio denota um comportamento de moça “séria”, prendada, casta e recatada, mas com o consentimento da família seduz Amâncio com a finalidade de casa-se com o rapaz.

Estas três personagens representam a dissimulação feminina porque exibem uma aparência de ingenuidade e de pureza que não corresponde às atitudes que tomam, seduzindo para conseguir o que desejam. Como confiar em um ser que age de uma maneira diferente dependendo da ocasião?

Na obra de AZEVEDO a crueldade destas personagens não passa despercebida e por isso têm um fim trágico. Como já mencionamos os personagens nos romances naturalistas têm o seu destino marcado pelos efeitos da hereditariedade, da formação moral e física e do meio em que vivem. As três personagens são punidas, pois não conseguem desempenhar o papel social de gênero destinado às mulheres na sociedade da época, qual

¹⁰ MICHAUD, Stéphane. *Idolatrias: representações artísticas e literárias*. IN: FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. **História das mulheres: o século XIX**. Porto: Afrontamentos, 1994.

seja, a de esposa e de mãe. Apesar de ser casada Hortênsia não tem filhos. Lúcia e Amelinha nem marido e nem filhos têm.

Num trecho do livro a punição dada à personagem Amelinha fica evidente quando o seu irmão observa que depois de seis meses mantendo relações sexuais com Amâncio seria “natural” que a irmã estivesse grávida, porém não é isso que ocorre com ela. Desta forma, Amelinha estava sendo castigada pela própria natureza que lhe negava a maternidade.

As personagens femininas nos romances naturalistas serviam de contra modelos às mulheres, porque elas expressavam tudo que as mulheres não deviam fazer e quais seriam as conseqüências de seus atos impensados. Para as que resolviam subverter a ordem estabelecida pelos papéis de gênero restava a exclusão social.

Ao associar a inversão de papéis entre homens e mulheres aos males sociais, o autor demonstra o papel adequado à mulher, que seria a vida casta, obediente ao pai ou ao marido, que a educação serviria apenas para refinar o comportamento delicado da mulher e nunca para igualá-lo ao homem.

Outras personagens femininas eram portadoras de alguma deficiência física e mental. Na maioria das vezes, a ausência de um modelo feminino de comportamento gerava estes desequilíbrios nas personagens. No romance que ora analisamos, há a personagem Nini, filha da dona da pensão Mm. Brizard, que depois de ficar viúva e de seu filho morrer se torna “doente dos nervos”. As enfermas dos romances naturalistas foram arrancadas do seu papel social de gênero da época, que era o de esposa e mãe, por isso a única cura para a sua doença era a restituição da sua função, por meio do casamento.

A fraqueza moral e física não era exclusividade dos personagens femininos, como pode se observar pelos personagens: Amâncio, Pereira e Coqueiro.

Amâncio é retratado como um rapaz superficial que apenas queria os divertimentos da boêmia ao fugir de qualquer compromisso profissional ou afetivo, demonstrando fraqueza de caráter. Tal comportamento desregrado o levaria à morte. Pereira ao ser descrito pelo autor apresenta várias características que o associam à femilidade, como a moleza e a passividade, despojando-o dos elementos masculinos. Coqueiro também recebe atenção do autor no que diz respeito a sua infância, demonstrando a preocupação paterna nas atitudes pouco masculinas do filho. Na idade adulta o personagem casa-se com uma mulher mais velha que dirige a sua vida.

Os personagens masculinos também não conseguem desempenhar a sua função social, pois levavam uma vida patológica, cheia de vícios e fraquezas, isto devido a fatores como a hereditariedade, a formação na infância e o meio que os corrompem. O que resta à eles? Se eles não cumprem o seu papel social de esposo, provedor e ativo, resta-lhes a sombra de uma mulher, ou a morte. Uma punição é certa para estes personagens: a vergonha e a humilhação de não ser considerado homem.

A literatura naturalista tinha a preocupação de retratar a realidade e para tanto utilizava de parâmetros médicos da época. Estas obras estão associadas ao contexto de medicalização da sociedade brasileira neste mesmo período e por isso os seus personagens expressam sintomas patológicos que remetem à este universo normativo. Mas qual era a proposta da ordem médica brasileira? E quais papéis sociais de gênero eram vinculados por ela?

A proposta da ordem médica brasileira era a formação do cidadão sadio física e moralmente. Com esta finalidade insinua novas normas no seio familiar. O casamento e a maternidade se tornaram assuntos recorrentes nas obras médicas, pois deles dependia o futuro da Pátria.

O casamento por interesse foi condenado e em seu lugar criou-se várias regras para formar o casal higiênico, aquele que segundo a ordem médica teria uma prole sadia e forte. O papel da mulher estava cada vez mais ligado a de esposa e mãe, porém acrescido de importância sobrecarregando-a de obrigações, como o aleitamento materno e a formação da criança. Qualquer deslize na educação infantil poderia acarretar em um adulto débil e a culpa seria dos pais.

O papel social do homem sofreu alterações e o mau comportamento como o desregramento e o vício, poderia afetar o equilíbrio familiar, gerando doenças. Desta forma, ao homem era recomendado ser o protetor do seu lar e levar uma vida virtuosa longe da luxúria. Os comportamentos desviantes como a prostituição, o celibato e o adultério eram condenados por colocarem em risco a saúde da família.

As personagens da obra “Casa de Pensão” parecem conduzir o seu destino para a promiscuidade, fugindo dos seus papéis adequados para criar uma sociedade saudável. Por isso, são descritos pelo autor com sintomas físicos e morais, revelando a triste “realidade” patológica em que viviam. Portanto, os personagens vinculam contra modelos para os seus leitores que deveriam mirar-se nestes exemplos para evitar o comportamento desviante da norma médica.

CONCLUSÃO

“O quê? O que que essa criança tá fazendo aí toda mocinha?/ Vêm, já sabe rebolar, e hoje em dia quem não sabe.”¹¹ (Rodolfo)

Este pequeno trecho da música “Me lambe” do grupo Raimundos aborda duas questões importantes sobre a sexualidade contemporânea no Brasil que é a precocidade sexual e a influência da mídia neste processo de erotização do corpo.

As letras do grupo Raimundos já foram muito criticadas por expressarem idéias sexuais e machistas. No seu site na internet o grupo se defende, alegando que não escreve nas letras de suas músicas nada além do que presenciam hoje em dia. De uma certa forma o grupo não está errado, pois as imagens e a linguagem da mídia são extremamente sexualizadas e não podemos menosprezar os efeitos destas imagens no dia-a-dia da população.

Segundo SALIBA¹² vivemos a era da videosfera, na qual uma informação sobrepõe outra e acaba anulando o seu conteúdo, conseqüentemente o indivíduo é invadido por imagens sem conteúdo. Portanto, não é surpreendente que a geração atual que é a mais bem informada das últimas décadas, não coloque em prática as informações que recebe.

Além disso, a proporção de informação imagética de cunho sexual que o telespectador recebe em sua casa é maior do que a informação sobre a sexualidade, desta forma as imagens se sobrepõem à informação. É só observarmos a programação da TV

¹¹ RODOLFO. Me lambe.

aberta aos domingos que é um festival de mulheres seminuas, dançando coreografias que aludem ao sexo. E pela guerra da audiência podemos perceber que a incidência destas imagens sobre a população é grande. Aos poucos estas imagens e o comportamento inerente a elas invadem o cotidiano de todos, seja incorporados num exercício aeróbico nas academias, nas roupas apertadas de lycra das adolescentes, nas atitudes frente à mulher em lugares públicos etc...

Em outro texto SALIBA¹³ trabalha as imagens canônicas observando que existem algumas que são intocáveis na sociedade, e que uma das contribuições da utilização das imagens em sala de aula seria o seu questionamento para desmitificá-las.

Para tanto, o aluno deve ser provocado com outras imagens diferentes das quais está acostumado. Neste sentido se o adolescente é invadido por imagens femininas extremamente erotizadas, que alimentam as suas fantasias, é necessário que a escola propicie para ele a oportunidade de conhecer outras representações do feminino que foram produzidas num período diferenciado.

No entanto, não é nossa intenção estudar as representações da mulher no passado para condenar as do presente, mas, entendê-las como modelos e contra-modelos de comportamento para as mulheres, porque a imagem não tem fim nela própria, ela atribui qualidades ao que representa.

Queremos oportunizar aos alunos a compreensão do processo de construção das representações, enquanto produtos sociais. Estas representações não seriam criadas apenas pelas instituições, mas também pelos indivíduos que podem aceitá-las passivamente ou não, interagindo no processo criativo.

¹² SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e consumo das imagens. IN: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. S.P.: Contexto, 1997.

¹³ SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de História. IN: **Linguagens e Ensino de História no III Encontro Perspectivas do Ensino de História**. em Curitiba em 27/08/98.

Neste sentido, o aluno deve perceber que as imagens televisivas que compõe o seu cotidiano, não são apenas imagens para serem desfrutadas com olhares lascivos, mas também entendidas enquanto produto social, com a finalidade de fornecer modelos de conduta para os telespectadores. Assim, o estudo das representações de gênero em épocas afastadas pode gerar o questionamento das criadas em nosso tempo, permitindo ao aluno refletir sobre ela e criar novas representações, que viabilizem uma nova convivência entre homens e mulheres.

Nas obras literárias que analisamos em nosso trabalho encontramos várias representações referentes às relações de gênero que nos permitem entrever mudanças e permanências nos papéis sociais de gênero atuais. No romance “Senhora” de José de Alencar encontramos uma representação feminina aparentemente incomum para a época. Aurélia possuía riqueza e inteligência, o que a tornava capaz de tomar decisões sozinha, porém a personagem tinha conhecimento de que não poderia deixar transparecer à sociedade esta autonomia. Por isso, assumia atitudes diferentes no meio privado e no público. No meio privado, ela exercia com desenvoltura funções correspondentes à esfera masculina, como a discussão dos negócios. No meio público, exibia o papel esperado para uma mulher da elite carioca, freqüentava bailes, teatros e pretendia casar-se.

Na atualidade, percebemos que as mulheres conseguem conquistar o mercado de trabalho e independência financeira com relação ao homem. No entanto, ainda existem certos preconceitos no que toca à relação homem/mulher, como por exemplo, uma pressão para que as mulheres casem e tenham filhos e que os homens continuem sendo os provedores por isso é inadmissível que ele ganhe menos que a mulher.

Neste sentido, é interessante observarmos que apesar de ter transcorrido mais de cem anos da construção das representações presentes no romance “Senhora”, encontramos

hoje em dia representações semelhantes aquelas do livro. Apesar do caminho percorrido por homens e mulheres na direção de mudar as relações de gênero, continuamos pressionados a nos comportar segundo estes modelos.

No outro livro “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo nos deparamos com uma representação feminina interessante, a de Amelinha. A personagem é repreendida por ter uma vida sexual fora da vida matrimonial que é acompanhada por uma prostituição velada. Vimos na análise do livro que a sexualidade antes do casamento era reprovada, tanto para os homens quanto para as mulheres, porém a sociedade tolerava o comportamento sexual masculino.

Nos dias atuais não há a obrigatoriedade de um casamento para se iniciar a vida sexual, apesar de não ser um assunto muito discutido entre pais e filhos, os pais sabem que os filhos já têm uma vida sexual ativa. Mas, esta aparente liberação sexual não impede o julgamento moral dos envolvidos. Podemos ilustrar este julgamento moral através da diferenciação no tratamento da vida sexual de meninas e meninos; os meninos que possuem várias parceiras denotam experiência de conquista e a menina a sua vulgaridade. Novamente observamos que apesar de algumas mudanças nos costumes existem permanências no que tange às representações de gênero.

Algumas estão há tanto tempo na sociedade que nos parecem “naturais” , porque já estão introjetadas em nós. Por isso, é necessário enfatizar aos alunos que os papéis sociais de gênero são construídos e são passíveis de serem modificados, e que os modelos vinculados pelas instituições e a mídia, se não questionados, podem se tornar “camisas de força” que aprisionam as almas, como diz a música abaixo de Alanis Morissette a respeito dos modelos que nos aprisionam e nos torturam a ser o que não somos para sermos aceitos pela sociedade.

“ Que eu seria boa mesmo se não fizesse nada...
que seria boa mesmo se engordasse 10 quilos...
que seria boa se perdesse meus cabelos e minha
juventude. que seria formidável se não fosse rainha
que seria maravilhosa se não fosse sabe-tudo...
Que seria boa mesmo se perdesse a sanidade
Que seria boa quer com ou sem você.”¹⁴

¹⁴ MORISSETE, Alanis. That I would be good.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. **Senhora**. S.P.: Ática, 1987. (Série Bom Livro).
- AZEVEDO, Aluísio de. **A Casa de Pensão**. S.P.: Editora Três, 1973.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Europa-América, s.d..
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. S.P.: Companhia das Letras, 1992.
- CITRON, Suzanne. **Ensinar a história hoje: a memória perdida e Reencontrada**. Lisboa: Novos Horizontes, 1990.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados 11 (5), 1991.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e norma familiar**. R.J.: Edições Graal, 1983.
- DE MARCO, Valéria. **O Império da cortesã**. Lucíola: um perfil de Alencar. S.P.: Martins Fontes, 1986.
- DOTTIN-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. (coleção Gênero Plural).
- FARACO, Carlos. José de Alencar: “todos cantam sua terra/também vou cantar a minha”. IN: ALENCAR, José. **Ubirajara**. S.P.: Editora Ática, 1995. (série Bom Livro)
- GUINSBURG, J.. **O Romantismo**. S.P.: Editora Perspectiva, 1978.
- MOLINA, Patrícia. **Espelho ao reverso. As representações do feminino em Luzia-homem: uma incursão ao universo feminino durante o último quartel do século XIX**. Curitiba, UFPR, 1997.
- MICHAUD, Stéphane. **Idolatrias: representações artísticas e literárias**. IN: FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. **História das Mulheres: O século XIX**. Porto: Afrontamentos, 1994.
- NEEDELL, Jeffrey D.. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. S.P.: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Literatura e Ciências Sociais. IN: KHÉDE, Sonia S.(org). **Os contrapontos da Literatura: Arte, Ciência e Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Modernidade e questão nacional**. Revista de Cultura e Política: Lua Nova: Porto Alegre, maio 1990.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (5^a A 8^a SÉRIES) terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. IN: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. S.P.: Contexto, 1997.

_____. As imagens canônicas e o Ensino de História. IN: **Linguagens e Ensino de História no III Encontro Perspectivas do Ensino de História**, em Curitiba em 27/08/98.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. S.P.: Brasiliense, 1993.

_____. **As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX**. Secretaria do Estado da Cultura, 1989.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Canibalismo Amoroso**. S.P.: Brasiliense, 1986.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.15,n 2, jul-dez, 1990.

SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. R.J.: Edições Achiamé, 1984.

WILDE, Oscar. **Aforismos**. Curitiba: Editora Posigraf, 1992.

ANEXOS

Músicas

Me Lambe (Rodolfo- grupo Raimundos)

O quê? O que que essa criança tá fazendo aí toda mocinha?
Vêm, já sabe rebolar, e hoje em dia quem não sabe
Se ela der mole eu juro que eu não faço nada
Dá cadeia e é contra o costume
Mas se eu tiver na rua e ela de mão dada com outro cara
Eu morro de ciúme!
E eu contente com as malvada achando que era o tal
E me aparece essa coisinha
Me dê seu telefone, outro dia a gente se liga
Eu quero te levar pra onde dá um frio na barriga
Me fala a verdade, quantos anos você tem?
Eu acho que com a sua idade
Já dá pra brincar de fazer neném
Como avista é linda da roda gigante/ é tão grande
Acho que ela viajou que eu era um picolé/ me lambe
No parque de diversões foi que ela virou mulher/ das forte
Menina pega a boneca e bota de pé
Sinto, amigo, lhe dizer, mas ela é “de menor”
Isso é crime/ seu guarda, se não fosse eu podia ser pior
Imagine/ O homem de cassetete disse, quando me algemou/ que ela só tinha
Dezessete e o pai dela era doutor? E que se fosse eu ainda faria igual/
Se fosse no ano que vem ia ser normal.

- 1) Cite duas frase da música que contenham referência a sexo.
- 2) O fato da menina ser “de menor” impediu a abordagem do rapaz? E porquê?
- 3) O que o compositor quis dizer com “O quê? O que que essa criança tá fazendo aí toda mocinha? Vêm, já sabe rebolar, e hoje em dia quem não sabe.”
- 4) Você acredita que a vida sexual está começando mais cedo? Por quê?

Mulher de fases (Rodolfo-grupo Raimundos)

Que mulher ruim, jogou minhas coisas fora,
Disse que em sua cama eu não deito mais não,
A casa é minha, você que vá embora,
Já pra saia da sua mãe e deixa o meu colchão,
Ela é “pró” na arte de pentelhar e aziar,
É campeã do mundo,
A raiva era tanta que eu não reparei,
Que lua, diminuía,
A doída, tá me beijando há horas,
Disse que se for sem eu não quer viver mais não,
Me diz deus, o que é que eu faço agora?
Se me olhando desse jeito ela me tem na mão,
Meu filho agüenta, quem mandou você gostar
Dessa mulher de fases/ complicada e perfeitinha,
Você me apareceu, era tudo que eu queria,
Estrela da sorte, quando a noite ela surgia,
Meu bem você cresceu, meu namoro é na folhinha,
Mulher de fases/ põe fermento, põe as bomba,
Qualquer coisa que aumente e a deixe,
Sem maior que o sol,
Pouca gente sabe que a noite
O frio é quente e arde, e eu, acendi,
Até sem luz dá pra te enxergar
O lençol, fazendo em “Congo-blue”,
É pena que eu sei
Amanhã já vai miar se agüente,
Que lá vem chumbo quente.

- 1) Você acredita que a música passa a idéia que a mulher é dependente ou independente? Por quê?
- 2) O compositor parece compreender o comportamento feminino? Por quê?
- 3) O que significa o título “Mulher de fases”?

Sympathetic Character (Alanis Morissette)

Eu tinha medo de que você me batesse
Se eu falasse abertamente
Eu tinha medo de sua força física
Eu tinha medo de que você
Me batesse abaixo da cintura
Eu tinha medo do seu golpe traiçoeiro
Eu tinha medo de que você me rebaixasse
Eu tinha medo do seu bafô de álcool
Eu tinha medo da sua indiferença completa por mim
Eu tinha medo do seu mau humor
Eu tinha medo de maçanetas arrancadas
Eu tinha medo de buracos sendo feitos nas paredes
Eu tinha medo de sua testosterona

Eu tinha tanta raiva quanto você
Eu sinto tanta dor quanto você
Eu vivi tanto inferno quanto você
Eu mantive o meu ego escondido por sua causa

Refrão

Você era meu melhor amigo
Você era meu amante
Você era meu mentor
Você era meu irmão
Você era meu irmão
Você era meu parceiro
Você era meu professor
Você era meu simpático cúmplice

Eu tinha medo das adagas verbais
Eu tinha medo da calma antes da tempestade
Eu receava por meus próprios ossos
Eu tinha medo da sua sedução
Eu tinha medo da sua coerção
Eu tinha medo da sua rejeição
Eu tinha medo da sua punição
Eu tinha medo dos seus silêncios gelados
Eu tinha medo do seu volume
Eu tinha medo da sua manipulação
Eu tinha medo das suas explosões

Eu tinha tanta raiva quanto você
Eu sinto tanta dor quanto você
Eu vivi tanto inferno quanto você

Eu mantive o meu ego escondido por sua causa

Você era meu guardião
Você era minha âncora
Você era minha família
Você era meu salvador

E aí que está a questão
E aí que está o problema

Esta música de Alanis Morissette nos oferece uma perspectiva feminina sobre a relação entre homens e mulheres nos dias atuais.

- 1) Pela letra da música você diria que as mulheres falam abertamente sobre os seus sentimentos com o homem com que se relacionam? Por que você chega a esta conclusão?
- 2) O que a compositora quer dizer quando “ eu mantive o meu ego escondido por sua causa”?
- 3) Você acredita que muitas mulheres se submetem a coisas que vão contra a sua vontade para agradar ao seu parceiro?
- 4) Você acredita que a submissão feminina às vontades de seu parceiro tem relação com a sua baixa auto-estima? Por quê?
- 5) Por que ao final da letra a compositora afirma “E aí que está o problema”?
- 6) Você acredita que as mulheres podem inverter a situação de submissão que se encontram? Como?

Roteiro de leitura do romance “Senhora” de José de Alencar

- 1) O personagem principal do romance “Senhora” é Aurélia. Qual foi a grande decepção dela frente ao amor?
- 2) Como o casamento de contrato é encarado pelo personagem Seixas?
- 3) Como o casamento é concebido pela personagem Aurélia?
- 4) Por que Aurélia se decepciona com Seixas ao casar-se com ele?
- 5) Cite as qualidades de Aurélia descritas pelo autor.
- 6) Comparando a descrição dos personagens Aurélia e D. Lemos, você acredita que o autor condena o comportamento de D. Lemos? Por quê?
- 7) O autor parece estar favorável a Seixas ou a Aurélia? Por quê?
- 8) Na adolescência Aurélia esteve perto da prostituição devido a sua pobreza e desamparo. O que a distinguiu de outras moças pobres que haviam sucumbido à prostituição, segundo o autor do romance?
- 9) Por que Aurélia apresentava um comportamento diferenciado no meio privado e no público?
- 10) Você percebeu qualquer indício de vida sexual dos personagens do romance? Qual?
- 11) Você acredita que hoje em dia as pessoas casam por dinheiro? Por quê?
- 11) Você acredita que hoje a mulher é pressionada pela sociedade para casar e ter filhos?

Roteiro de leitura do romance “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo

- 1) Qual a importância atribuída à infância no comportamento de Amâncio quando adulto no livro?
- 2) No decorrer da história, Amâncio se relaciona com várias mulheres, cite as características de cada uma:
 - a) D. Hortência:
 - b) Lúcia:
 - c) Amelinha:
- 3) Qual era a intenção do rapaz para com estas personagens femininas?
- 4) Qual era o interesse de Amelinha por Amâncio?
- 5) A partir da leitura do livro, como era julgada a mulher que tinha uma vida sexual antes do casamento na época?
- 6) Pelos personagens qual o papel que o autor acreditava ser certo para mulheres e homens na sociedade de então?
- 7) Por que Coqueiro mata Amâncio?
- 8) Você acredita que hoje em dia seria possível uma história parecida com a do romance?
Por quê?

TRECHOS DO LIVRO SENHORA

“ Quem observasse Aurélia naquele momento, não deixaria de notar a nova fisionomia que tomara o seu belo semblante e que influía em toda a sua pessoa.

Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações de inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.

Nessa ocasiões seu espírito adquiria tal lucidez que fazia correr um calafrio pela medula do Lemos, apesar do lombo maciço de que a natureza havia forrado no roliço velhinho o tronco do sistema nervoso.

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.

Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças, que tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.

Bem ao contrário, ela recitava sua experiência, de que só fazia uso, quando o exigiam seus próprios interesses. Fora daí ninguém lhe ouvia falar de negócios e emitir opinião acerca de coisas que não pertencessem à especialidade de moça solteira.(p.23-24)”

Neste trecho do livro “Senhora” o autor descreve as qualidades da personagem Aurélia ao discutir negócios com D.Lemos.

- a) Você acredita que o autor julga o comportamento de Aurélia neste momento próprio de uma mulher? Por quê?
- b) Por que Aurélia não agia assim fora dos limites do gabinete?

Na noite de núpcias Aurélia e Seixas discutem a sua situação a partir do contrato de casamento.

“ _ Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter este orgulho, que os melhores atores não nos excederiam. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma traída; o senhor, um homem vendido.

- Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma.

- Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. (...)

- Agora, meu marido, se quer saber a razão por que o comprei de preferência a qualquer outro, vou dizê-la; e peço-lhe que me não interrompa. Deixa-me vaziar o que tenho dentro desta alma, e que há um ano a está amargurando e consumindo.

A moça apontou a Seixas uma cadeira próxima.

- Sente-se, meu marido.

Com que tom acerbo e excruciante lançou a moça esta frase meu marido, que nos seus lábios ríspidos acerava-se como um dardo ervado de cáustica ironia!

Seixas sentou-se. (...) p.65-66

[depois de Aurélia desmentir os sentimentos de Seixas para com ela, por causa do abandono no passado, se restabelece uma nova forma de relação entre ambos]

- Agora podemos continuar a nossa comédia, para divertir-nos. É melhor do que estarmos aqui mudos em face um do outro. Tome a sua posição, meu marido; ajoelha-se aqui a meus pés, e venha dar-me seu primeiro beijo de amor ... Porque o senhor ama-me, não é verdade, e nunca amou outra mulher senão a mim?...

- Não; não a amo.

- Ah!

- É verdade que a amei; mas a senhora acaba de esmagar a seus pés esse amor; aí fica ele para sempre sepultado na abjeção a que o arremessou. Eu só a amaria agora, se a quisesse insultar; pois que maior afronta pode fazer a uma senhora, um miserável, do que marcando-a com o estigma de sua paixão. Mas fique tranqüila; ainda quando me dominasse a cólera, que não sinto, há uma vingança que não teria forças para exercer; é essa de amá-la.

Aurélia ergue-se impetuosamente.

- Então enganei-me? Exclamou a moça com estranho arrebatamento. O senhor ama-me sinceramente e não casou comigo por interesse?

Seixas demorou um pouco o olhar no semblante da moça, que estava suspensa de seus lábios, para beber-lhe as palavras:

- Não, senhora, não enganou-se, disse afinal com o mesmo tom frio e inflexível. Vendi-me; pertenço-lhe. A senhora teve o mau gosto de comprar um marido aviltado; ei-lo como desejou. Podia ter feito de um caráter, talvez gasto pela educação, um homem de bem que se enobrecesse com sua afeição; preferiu um escravo branco;

estava em seu direito, pagava com seu dinheiro, e pagava generosamente. Esse escravo aqui o tem ; é seu marido, porém nada mais do que seu marido!

O rubor afogueou as faces de Aurélia, ouvindo essa palavra acentuada de sarcasmo de Seixas.

- Ajustei-me por cem contos de réis, continuou Fernando; foi pouco, mas o mercado está concluído. Recebi como sinal da compra vinte contos de réis; falta-lhe arrecadar o resto do preço, que a senhora acaba de pagar-me.

O moço curvou-se para apanhar o cheque. Leu com atenção o algarismo e dobrando lentamente o papel, guardou-o no bolso do rico chambre de gorgorão azul.

- Quer que lhe passe um recibo? ... Não; confia na minha palavra. Não é seguro. Enfim estou pago. O escravo entra em serviço.

Soltando estas palavras com pasmosa volubilidade, que parecia indicar da imprudência, Fernando sentou-se outra vez defronte da mulher.

- Espero suas ordens.

Aurélia, que até esse momento escutara com ansiedade, perscrutando sôfrega no semblante do marido e através de suas palavras um sintoma de indignação, disfarçada por aquele desgarro, cobriu com as mãos o rosto abrasado de vergonha.

- Meu Deus!

A moça tragou o soluço que lhe sublevava o seio, e refugiando-se no outro canto do sofá, como se receasse o contágio do homem a quem se unira pela eternidade, abismou-se na voragem de sua consciência revolta.

Após longo trato, Aurélia como se despertasse de um pesadelo, ergueu os olhos e encontrando de novo o semblante de Seixas que a observava com um sossego escarninho, teve um enérgico assomo de repulsão, ou antes asco.

- A minha presença a está incomodando? Porque assim o quer. Não é senhora? Não tem direito de mandar? Ordene, que eu me retiro.

- Oh! Sim, deixe-me! Exclamou Aurélia. O senhor me causa horror.

- Devia examinar o objeto que comprava, para não arrepender-se! (p.98-99)”

- a) Qual o argumento de Aurélia para casar-se?
- b) Por que era necessário às mulheres da época estar sobre a tutela masculina?
- c) Como o romance através do personagem Aurélia demonstra o comportamento adequado às mulheres da época?
- d) Durante o diálogo Seixas assume uma atitude passiva diante de Aurélia, por quê? Você acredita que era a posição comum de um homem na época?
- e) Como o personagem Seixas vincula um contra modelo para os homens?

TRECHOS DO LIVRO CASA DE PENSÃO

A parte que se segue é do momento em que Coqueiro começa a desconfiar que Amâncio abandonará a sua irmã.

“ Mas, no fundo, João Coqueiro principiava a ‘cismar com o negócio’. Segundo os seus cálculos, a irmã, por aquela época, já deveria estar pejada: circunstância esta que daria oportunidade a um escândalo, de antemão preparado, forçando Amâncio a ‘reparar a sua falta’.

E, no entanto, Amelinha ‘nada de aviar’! O bom irmão sentia até como um peso na consciência por haver contribuído diretamente para aquela situação.

— Era sempre assim! – pensava ele enraivecido – Se não precisássemos de um filho, é que os pestinhas haviam de aparecer aí de enfiada!

E o receio amargo de ter sacrificado a menina, talvez sem os belos resultados que esperava para si e para ela, invadia-lhe o coração e punha-lhe momentos maus na vida.

(...) [com esta preocupação Coqueiro foi falar com Mr. Brizard]

- Homem... para falar com fraqueza ... acho que o melhor é deixar seguir o barco como vai!...

- Como vai!...

E o Coqueiro engoliu a frase indignado:

— Ora essa! Tu, com certeza, não estás falando sério!

— Às vezes, quem tudo quer tudo perde! ... setenciou a mulher.

- Mas que diabo quero eu? – retrucou aquele. – Eu não quero senão o que é de justiça! Quero apenas que se casem!

A outra, para quem o casamento de Amélia não trazia vantagens imediatas e podia, aliás, comprometer o estado feliz das coisas, saltou logo com bateria de opiniões contrárias: ‘ Coqueiro faria muito mal em precipitar os acontecimentos! Naquela situação o mais razoável e o mais prudente era sem dúvida esperar! A natureza não dava saltos! As coisas haviam de atingir a um bom resultado, sem ser preciso lançar mão de meios violentos!’... (...)

E o fato é que o Coqueiro acabou por concordar com a mulher. ‘Amélia, desde que se convertesse numa necessidade para a vida de Amâncio, este, com certeza seria o mais interessado em fazer dela sua esposa; por conseguinte, agora o que convinha era que a rapariga também ajudasse de sua parte, empregando todo o jeito e boa vontade de que pudesse dispor: devia mostrar-se cordata, simples nos seus gostos, bem arranjadinha, amiga do asseio, honesta, digna, enfim, de um marido!’

E dominado por esta idéia, aconselhou logo à irmã que se fizesse meiga com o ‘noivo’, dócil, boa companheira e fiel principalmente, fiel quanto possível, que todo o futuro dela, bom ou mau, só disso dependia!” (p.275-279)

a) Por que Coqueiro acreditava ter desgraçado a vida da irmã?

- b) O que poderia salvar Amelinha da vergonha da desonra?
- c) O que recomenda Coqueiro para Amelinha conquistar Amâncio para o casamento?
- d) Quais as qualidades que uma mulher deveria ter, segundo o autor, para ser uma boa esposa?
- e) Você acredita que atualmente se espera comportamentos diferenciados do homem e da mulher? Quais?
- f) Você acredita que atualmente o casamento continua tendo a mesma importância como no romance analisado? Por quê?